

### HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

<sup>1</sup>Vânia Cristina da Silva Busqueiro

<sup>2</sup>Ciarla Chagas da Silva

<sup>3</sup>Miguel Pimpão Alves

<sup>4</sup>Yadira Arnet Fernández

**Resumo:** O presente trabalho teve como objetivo promover uma compreensão ampliada da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no contexto escolar, evidenciando a influência africana na formação da identidade brasileira e contribuindo para a consolidação de uma educação antirracista. Fundamentado nos pressupostos da Lei 10.639/03, o projeto foi desenvolvido na Escola Estadual Ana Maria Junqueira (Franca-SP), com turmas do 6º e 8º anos do Ensino Fundamental, por meio de práticas interdisciplinares que articularam História, Língua Portuguesa, Arte e demais componentes curriculares. As ações pedagógicas incluíram o estudo da diáspora africana, das revoltas negras no Brasil, das religiões de matriz africana, da capoeira, da culinária, da música e das contribuições linguísticas de origem africana. Foram utilizadas metodologias ativas, como produção musical, análise de letras de rap, oficinas culturais, rodas de conversa e atividades investigativas, favorecendo o protagonismo estudantil e a aprendizagem significativa. Ao longo do processo, observou-se a desconstrução de estereótipos e preconceitos, bem como o fortalecimento da autoestima e do sentimento de pertencimento entre os estudantes. As discussões possibilitaram reflexões sobre o racismo estrutural presente na sociedade brasileira e sobre a importância do respeito à diversidade étnico-racial no ambiente escolar. Os resultados indicaram que a abordagem contínua e transversal da temática no currículo ampliou o repertório cultural dos alunos, estimulou o pensamento crítico e contribuiu para a formação de sujeitos mais conscientes. Conclui-se que a valorização da ancestralidade africana constitui elemento essencial para a construção de uma escola democrática, plural e inclusiva, fortalecendo princípios de equidade, cidadania e direitos humanos.

---

<sup>1</sup> Vânia Cristina da Silva Busqueiro, vania.cs.busqueiro@unesp.br, UNESP (Franca/SP), Graduada em Filosofia, com especializações em Ensino de Filosofia, Neuropsicopedagogia e Psicanálise Clínica. Professora efetiva da rede estadual paulista desde 2012. Atualmente é Professora Especialista em Currículo (PEC) na Unidade Regional de Ensino de Franca e mestranda em Políticas Públicas pela UNESP (Franca/SP).

<sup>2</sup> Ciarla Chagas da Silva, ciarla@prof.educacao.sp.gov.br, Licenciada e bacharela em História pela UNESP, com formação em Pedagogia e Direito, e graduanda em Educação Física. Professora efetiva da rede estadual paulista desde 2002, atua na área de Ciências Humanas. Atualmente é Coordenadora de Gestão Pedagógica Geral.

<sup>3</sup> Miguel Pimpão Alves, miguel.pimpao@unesp.br, UNESP (Franca/SP), Graduado em Serviço Social pela Universidade de Luanda e mestrando em Serviço Social pela UNESP (Franca/SP). Pesquisador de políticas de proteção social em Angola. Integra grupos de pesquisa na área de Serviço Social, políticas públicas e educação..

<sup>4</sup> Yadira Arnet Fernández, arnet.fernandez@unesp.br, UNESP (Franca/SP), Graduada em Ciências Alimentares, mestre e doutora pela Universidade de Franca, com pós-doutorado em Serviço Social pela UNESP. Atua em pesquisas sobre envelhecimento, saúde coletiva e políticas públicas. Integra redes nacionais e internacionais de pesquisa sobre envelhecimento..

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Artigo Completo

**Palavras-Chave:** educação antirracista; cultura afro-brasileira; diáspora africana; identidade; currículo escolar.

### INTRODUÇÃO

Em atendimento à Resolução SE 62, de 11 de dezembro de 2017, e à Lei 10.639/03, o presente trabalho, desenvolvido no âmbito do curso “História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Perspectiva da Lei 10.639/03 – 5ª Edição – 2024”, realizado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Câmpus de Franca, insere-se no conjunto de iniciativas que visam assegurar a efetivação do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas brasileiras. Tal compromisso não se limita ao cumprimento formal da legislação, mas constitui um movimento político-pedagógico de valorização da herança africana que conforma, de maneira estruturante, a formação histórica, cultural e social do Brasil.

A promulgação da Lei 10.639/03 representou um marco no campo das políticas educacionais ao tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica. Ao reconhecer a centralidade da presença africana na constituição do país — marcada pela vinda forçada de mais de cinco milhões de africanos ao longo de mais de três séculos de escravização — a legislação inaugura uma perspectiva curricular comprometida com a superação do silenciamento histórico e da invisibilização das contribuições africanas. Nesse sentido, o ensino da temática não deve ser compreendido como conteúdo complementar ou episódico, mas como dimensão estruturante da formação cidadã e da construção de uma educação antirracista.

Entretanto, apesar dos avanços normativos, ainda se observa que a abordagem da História da África e da Cultura Afro-Brasileira enfrenta entraves significativos no cotidiano escolar. Um dos principais desafios refere-se à fragilidade da formação inicial e continuada de docentes para o trato qualificado da temática. Muitos profissionais da educação reconhecem a importância do tema, mas relatam insegurança teórica, escassez de materiais didáticos adequados e ausência de apoio institucional sistemático. Tal cenário revela que a efetivação da legislação depende, necessariamente, de políticas de formação que articulem teoria, prática pedagógica e compromisso ético com a transformação social.

É nesse contexto que o presente trabalho se justifica. Ao propor reflexões e estratégias para a implementação da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas diversas áreas do conhecimento, buscou-se contribuir para a construção de práticas

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Artigo Completo

interdisciplinares que integrem a temática ao currículo de modo transversal e contínuo. A perspectiva adotada parte do entendimento de que a questão étnico-racial não se restringe ao componente curricular de História, mas perpassa Língua Portuguesa, Artes, Geografia, Sociologia, Filosofia, Ciências Humanas e demais campos do saber, configurando-se como eixo estruturador de uma educação comprometida com a equidade.

A História, enquanto campo de análise crítica do passado, exerce influência direta na maneira como indivíduos e coletividades compreendem o presente e projetam o futuro. As narrativas históricas que privilegiaram uma visão eurocêntrica contribuíram para a consolidação de estereótipos e para a marginalização das experiências africanas e afro-brasileiras. Desse modo, revisitar e ampliar tais narrativas significa promover um processo de ressignificação identitária, no qual se reconhece a pluralidade cultural brasileira e se fortalece o pertencimento de estudantes negros e negras à história nacional.

A cultura africana e afro-brasileira manifesta-se de forma profunda na língua, na religiosidade, na culinária, na música, nas expressões artísticas, nas formas de organização comunitária e nas práticas de resistência que atravessam a história do país. Reconhecer essas contribuições é passo fundamental para o resgate da identidade nacional em sua complexidade e diversidade. Ao mesmo tempo, é condição indispensável para o enfrentamento do racismo estrutural, cujas raízes remontam ao período escravocrata e às políticas públicas excludentes que marcaram o pós-abolição.

A inserção social da população negra no Brasil ainda hoje é atravessada por desigualdades históricas que se expressam em indicadores sociais, econômicos e educacionais. O ambiente escolar, por sua vez, reflete e reproduz, em muitos casos, tais desigualdades, seja por meio de práticas discriminatórias explícitas, seja por meio de silenciamentos e ausências curriculares. Nesse cenário, a escola assume papel estratégico na promoção de uma cultura de respeito, valorização da diversidade e combate às discriminações étnico-raciais.

Iniciativas formativas, como o curso que fundamenta este trabalho, configuram-se como espaços privilegiados de desconstrução de estereótipos e de construção de novos referenciais epistemológicos. Ao oferecer subsídios teóricos e metodológicos para a atuação docente, tais ações contribuem para a formação de uma geração de educadores e educadoras comprometidos com a justiça social e com a produção de conhecimentos plurais. Trata-se de um movimento que articula formação crítica, prática pedagógica e responsabilidade social. O objetivo central deste artigo é apresentar e analisar propostas de intervenção pedagógica

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Artigo Completo

voltadas à ampliação dos conhecimentos teóricos e práticos de estudantes da educação básica acerca da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Busca-se, ainda, fomentar a participação ativa dos alunos e alunas na construção de uma consciência crítica que os mobilize no enfrentamento do racismo e das desigualdades étnico-raciais. Para tanto, parte-se do pressuposto de que o conhecimento histórico, quando trabalhado de forma contextualizada e problematizadora, constitui instrumento potente de emancipação e transformação social.

Assim, a introdução que ora se apresenta delinea o horizonte político e pedagógico que orienta este trabalho: contribuir para a consolidação de uma educação antirracista, plural e socialmente referenciada, em consonância com a legislação vigente e com os princípios democráticos que fundamentam a escola pública brasileira. Ao reconhecer a centralidade da herança africana na constituição do Brasil, reafirma-se o compromisso com uma formação humana integral, capaz de promover o respeito à diversidade e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

### OBJETIVO

O presente trabalho teve como objetivo central proporcionar aos alunos uma compreensão ampliada, crítica e contextualizada acerca da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira, com ênfase na análise da influência africana na formação da identidade brasileira. Tal proposta está fundamentada nos princípios estabelecidos pela Lei 10.639/03, que determina a obrigatoriedade do ensino dessa temática na educação básica, reafirmando o compromisso da escola com a valorização da diversidade étnico-racial e com a promoção de uma educação antirracista.

Buscou-se, por meio deste trabalho, superar abordagens superficiais ou restritas ao período da escravização, ampliando o olhar dos estudantes para as múltiplas contribuições africanas nas dimensões histórica, cultural, social, política e econômica do país. Ao reconhecer que a presença africana foi — e continua sendo — estruturante na constituição do Brasil, pretendeu-se fomentar uma leitura mais complexa da história nacional, evidenciando processos de resistência, organização comunitária, produção de saberes e manifestações culturais que moldaram a sociedade brasileira.

Outro objetivo fundamental consistiu na desconstrução de estereótipos e preconceitos historicamente atribuídos às populações afrodescendentes. Ao longo do tempo, narrativas eurocêntricas contribuíram para a marginalização de sujeitos negros, associando-

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Artigo Completo

os a imagens negativas ou limitadas. Nesse sentido, o trabalho propôs a problematização dessas representações, promovendo a reflexão crítica sobre as origens do racismo estrutural e suas implicações no cotidiano escolar e social. Tratou-se de criar condições para que os estudantes compreendessem como as desigualdades étnico-raciais foram construídas historicamente e como podem ser enfrentadas por meio da educação.

Paralelamente, pretendeu-se fortalecer a autoestima dos alunos, especialmente daqueles que se reconhecem como afrodescendentes, ao promover a valorização das raízes africanas e da herança cultural que compõe a identidade brasileira. A valorização da ancestralidade, das tradições, das expressões artísticas, religiosas e linguísticas de matriz africana contribui para a construção de um sentimento de pertencimento e reconhecimento. Ao perceberem-se como sujeitos históricos, produtores de cultura e conhecimento, os estudantes ampliaram sua consciência crítica e sua participação social.

O trabalho propôs ainda estabelecer conexões entre a realidade brasileira e a diáspora africana, compreendendo o deslocamento forçado de milhões de africanos como parte de um processo histórico global que resultou na formação de comunidades afrodescendentes em diferentes regiões do mundo. Ao destacar os vínculos culturais, históricos e simbólicos que unem essas experiências, buscou-se evidenciar o enriquecimento da cultura brasileira a partir desse encontro de matrizes culturais diversas. A diáspora, nesse contexto, é compreendida não apenas como ruptura e violência, mas também como espaço de recriação cultural, resistência e produção de novos sentidos.

Por fim, o conjunto desses objetivos convergiu para a formação de estudantes mais conscientes, críticos e comprometidos com a construção de uma sociedade democrática e plural. Ao ampliar o conhecimento sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, o trabalho pretendeu contribuir para o desenvolvimento de atitudes de respeito, empatia e valorização da diversidade, consolidando a escola como espaço privilegiado de transformação social e de promoção da igualdade étnico-racial.

## **METODOLOGIA**

A presente proposta metodológica foi estruturada e desenvolvida ao longo dos meses de setembro, outubro e novembro de 2024, combinando aulas presenciais e atividades realizadas à distância, com o uso de questionários online para acompanhamento e avaliação formativa. A organização do trabalho contemplou uma sequência didático-pedagógica dividida em três eixos principais — Introdução, Contextualização e Projetos e Apresentações

— totalizando 24 aulas presenciais, além de atividades complementares remota.

A metodologia fundamentou-se nos princípios estabelecidos pela Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica, bem como nas orientações da Resolução SE 62, que regulamenta a implementação dessas diretrizes no currículo da rede estadual paulista. Assim, a proposta articulou abordagem histórica, reflexão crítica e produção cultural, com vistas à consolidação de práticas pedagógicas antirracistas e interdisciplinares.

### **1. Organização Geral da Proposta**

O trabalho foi planejado de modo a garantir progressão temática e aprofundamento conceitual. Inicialmente, priorizou-se a sensibilização e a construção de repertório básico; em seguida, desenvolveu-se a contextualização histórica e cultural; por fim, promoveu-se o protagonismo estudantil por meio de projetos autorais e apresentações públicas.

As aulas presenciais foram estruturadas com metodologias ativas, incluindo aulas expositivas dialogadas, análise de fontes históricas, trabalhos em grupo, oficinas práticas e produção artística. Já as atividades à distância consistiram principalmente na aplicação de questionários online e na produção de reflexões escritas, possibilitando o acompanhamento da aprendizagem e a coleta de feedback dos estudantes.

### **2. Etapa I – Introdução (4 aulas)**

A etapa introdutória ocorreu ao longo de quatro aulas e teve como objetivo apresentar o tema, explicitar os objetivos do trabalho e promover a sensibilização dos estudantes quanto à relevância da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.

Na primeira aula, realizou-se a apresentação do tema e dos objetivos da proposta, destacando a importância do estudo da cultura africana para a compreensão da identidade brasileira. Nesse momento, buscou-se mapear os conhecimentos prévios dos alunos, por meio de perguntas norteadoras e diálogo coletivo, a fim de identificar percepções, dúvidas e possíveis estereótipos existentes.

A segunda aula foi dedicada à discussão sobre a presença da temática africana no Currículo do Estado de São Paulo, enfatizando seu caráter obrigatório e transversal. Os estudantes foram convidados a refletir sobre como o tema aparece (ou não) nas diferentes disciplinas e como poderia ser trabalhado de forma integrada.

Na terceira aula, desenvolveu-se a explicação conceitual do tema “Cultura Africana”, abordando a diversidade étnica, linguística e cultural do continente africano, superando visões homogêneas ou reducionistas. Essa abordagem buscou desconstruir a ideia de uma

África única, evidenciando sua pluralidade histórica e civilizatória.

A quarta aula contemplou a exibição de vídeos e documentários introdutórios, selecionados com o objetivo de ampliar o repertório cultural dos estudantes. Após a exibição, promoveu-se debate orientado, incentivando a análise crítica das informações apresentadas e o estabelecimento de conexões com a realidade brasileira.

### **3. Etapa II – Contextualização (12 aulas)**

A etapa de contextualização, composta por doze aulas, constituiu o núcleo teórico e reflexivo da proposta. Nessa fase, buscou-se aprofundar o estudo da história da escravização no Brasil e suas consequências sociais, culturais e econômicas, articulando passado e presente.

Inicialmente, foram realizadas aulas expositivas dialogadas sobre a história da escravização no Brasil, abordando o tráfico transatlântico, as condições de vida da população escravizada, as formas de resistência e os processos que culminaram na abolição formal da escravidão. O conteúdo foi apresentado de forma crítica, enfatizando o protagonismo dos sujeitos africanos e afrodescendentes.

Em seguida, desenvolveu-se a análise de diferentes fontes — textos históricos, imagens, letras de músicas e produções artísticas — relacionadas ao tema. Essa abordagem visou estimular a leitura crítica e a interpretação de múltiplas linguagens, ampliando a compreensão dos estudantes acerca das representações sociais construídas ao longo do tempo.

As discussões em grupos e duplas foram utilizadas como estratégia para problematizar as consequências da escravização no Brasil contemporâneo, incluindo desigualdades sociais, racismo estrutural e exclusão histórica. Essa dinâmica favoreceu o desenvolvimento da argumentação, do respeito às diferentes opiniões e da construção coletiva do conhecimento.

Parte significativa dessa etapa foi dedicada ao estudo da influência africana na música, na dança, na culinária e nas artes brasileiras. Foram analisadas manifestações culturais que evidenciam a presença africana na constituição da identidade nacional, reforçando a ideia de que a cultura brasileira é resultado de múltiplas matrizes.

Também foram realizadas aulas específicas sobre as religiões afro-brasileiras, abordando sua importância cultural e histórica, bem como a intolerância religiosa enfrentada por seus praticantes. O tema foi tratado com base no respeito à diversidade religiosa e nos princípios constitucionais de liberdade de crença, promovendo reflexão sobre preconceito e

discriminação.

Por fim, foram desenvolvidas atividades de reflexão acerca da autoestima e da valorização das raízes africanas. Dinâmicas de autoidentificação, rodas de conversa e produções escritas incentivaram os estudantes a reconhecerem a importância da ancestralidade e do pertencimento cultural.

#### **4. Etapa III – Projetos e Apresentações (8 aulas)**

A terceira etapa, composta por oito aulas, foi voltada ao protagonismo estudantil e à aplicação prática dos conhecimentos construídos nas fases anteriores.

Inicialmente, os alunos foram orientados a desenvolver, em grupos, uma música com temática de combate ao racismo e ao preconceito étnico-racial. Essa atividade estimulou criatividade, expressão artística e posicionamento crítico diante das desigualdades sociais. O processo envolveu planejamento, escrita da letra, ensaio e organização da apresentação.

Posteriormente, as produções foram apresentadas à turma, promovendo espaço de escuta, valorização e troca de experiências. As apresentações puderam assumir diferentes formatos — musicais, performáticos ou audiovisuais — respeitando as habilidades e preferências dos grupos.

Outra atividade prática consistiu no aprendizado sobre a preparação de comidas típicas afro-brasileiras, explorando a culinária como expressão cultural e histórica. A proposta visou reconhecer a influência africana na alimentação brasileira, contextualizando ingredientes, técnicas e significados culturais.

Além disso, os estudantes participaram da confecção de bonecas Abayomi, símbolo de resistência e afeto no contexto da diáspora africana. A atividade foi acompanhada de explicação histórica sobre sua origem e significado, culminando na organização de uma exposição aberta à comunidade escolar, fortalecendo o diálogo entre escola e sociedade.

#### **5. Avaliação**

A avaliação do trabalho foi concebida como processo contínuo, formativo e participativo. Consideraram-se critérios como participação e envolvimento nas aulas, qualidade das contribuições nas discussões, comprometimento com as atividades em grupo e respeito à diversidade de opiniões.

As apresentações orais ou visuais compuseram parte significativa da avaliação, permitindo observar a capacidade de síntese, argumentação e expressão criativa dos estudantes. Também foi solicitada uma reflexão escrita individual sobre o tema, na qual os alunos registraram aprendizagens, percepções e mudanças de compreensão ao longo do

processo.

Por fim, aplicou-se um questionário online para coleta de feedback, possibilitando avaliar a eficácia da proposta pedagógica e identificar aspectos a serem aprimorados em futuras edições do projeto.

Desse modo, a metodologia adotada articulou fundamentação teórica, reflexão crítica e produção cultural, promovendo uma aprendizagem significativa e alinhada aos princípios de uma educação comprometida com a igualdade étnico-racial e a valorização da diversidade.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste trabalho apoiou-se em produções historiográficas, sociológicas, antropológicas e pedagógicas que problematizam a formação social brasileira, as relações étnico-raciais e a centralidade da presença africana na constituição da cultura nacional. O conjunto das referências mobilizadas permitiu articular três eixos principais: (1) a compreensão histórica da escravização e das resistências negras; (2) a análise conceitual de raça, racismo, identidade e negritude; e (3) a valorização das expressões culturais afro-brasileiras como elementos estruturantes da identidade brasileira.

### **1. Escravização, resistência e formação social brasileira**

A análise da história da escravização no Brasil partiu da compreensão de que esse processo não se limitou à exploração econômica, mas estruturou hierarquias sociais e raciais cujos efeitos permanecem na contemporaneidade. As revoltas negras do século XIX, como a Revolta dos Malês e a Sabinada, foram abordadas como expressões de resistência política e religiosa. Nesse sentido, os estudos de João José Reis sobre a Revolta dos Malês evidenciaram o protagonismo de africanos muçulmanos na Bahia oitocentista, desconstruindo a ideia de passividade da população escravizada e ressaltando sua capacidade de organização e articulação política.

A reflexão sobre o período regencial e as tensões raciais na Bahia foi aprofundada a partir da análise de Benedito (2024), que interpreta os conflitos do período sob a perspectiva de uma política necro-racista, evidenciando mecanismos históricos de controle e repressão direcionados à população negra. Esses estudos contribuíram para compreender que a violência racial não é fenômeno isolado, mas parte de uma lógica histórica de exclusão.

### **2. Raça, racismo, identidade e negritude**

No campo conceitual, as contribuições de Kabengele Munanga foram fundamentais

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Artigo Completo

para a compreensão das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Em seus estudos, Munanga demonstra que a categoria “raça” não possui base biológica, mas constitui construção social historicamente utilizada para legitimar desigualdades. Sua análise fornece subsídios teóricos para a compreensão do racismo estrutural como fenômeno que ultrapassa atitudes individuais, estando incorporado às instituições e práticas sociais.

Em *Negritude: usos e sentidos*, Munanga discute a construção da identidade negra como processo político e cultural de afirmação, ressaltando a importância da valorização da ancestralidade africana na luta contra o racismo. Essa perspectiva fundamenta pedagogicamente as propostas voltadas ao fortalecimento da autoestima e do pertencimento identitário dos estudantes.

A crítica à ideologia da branquitude e à invisibilização do racismo é aprofundada por Liv Sovik, em *Aqui ninguém é branco*, obra que problematiza as formas sutis pelas quais a sociedade brasileira naturaliza privilégios raciais. Tal reflexão foi essencial para compreender os mecanismos simbólicos que sustentam desigualdades e para fundamentar práticas pedagógicas antirracistas.

No campo metodológico, a obra *Usos e abusos da história oral*, organizada por Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, contribuiu para valorizar narrativas e memórias como fontes legítimas de conhecimento histórico, reforçando a importância de incluir vozes historicamente silenciadas na construção do saber escolar.

### **3. Cultura afro-brasileira e diáspora africana**

A compreensão da diáspora africana, conforme apresentado por Andrade (InfoEscola) e aprofundado por Camargo e Nascimento (2023), evidencia que o deslocamento forçado de africanos resultou na formação de culturas de resistência e na preservação da memória ancestral em diferentes contextos. A diáspora foi compreendida não apenas como trauma histórico, mas como espaço de recriação cultural e produção de identidades híbridas.

As manifestações culturais afro-brasileiras foram abordadas como expressões de resistência e afirmação identitária. A capoeira, analisada por Afonso (Brasil Escola) e Aidar (Toda Matéria), foi compreendida como prática corporal e cultural que articula luta, dança e música, tendo se constituído historicamente como estratégia de resistência à opressão.

No campo musical, estudos sobre rap e funk (Lemos, Ramos, SESC) indicaram essas expressões como instrumentos contemporâneos de denúncia das desigualdades sociais e de enfrentamento ao racismo, especialmente entre jovens das periferias urbanas. Essas

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Artigo Completo

manifestações dialogam com a tradição de resistência cultural da população negra, reafirmando a centralidade da arte como forma de contestação social.

A influência africana na culinária brasileira foi discutida a partir de Strecker (UOL Educação) e do portal iFood, que destacam ingredientes, técnicas e pratos incorporados ao cotidiano alimentar nacional. Do mesmo modo, a presença africana no vocabulário da língua portuguesa é analisada por Santos (Museu da Língua Portuguesa) e Strecker, evidenciando marcas linguísticas que revelam a profundidade dessa contribuição cultural.

As religiões de matriz africana, conforme discutido pelo Museu Afro Brasil e por Oliveira (Politize!), foram apresentadas como elementos fundamentais da cultura brasileira, embora historicamente alvo de preconceito e intolerância. A abordagem desse tema fundamentou-se na defesa da liberdade religiosa e no reconhecimento do pluralismo cultural como princípio democrático.

Por fim, as discussões sobre moda afro-brasileira (Quinto; Ribeiro) reforçaram a dimensão estética como forma de resistência e afirmação identitária, evidenciando que a valorização da estética negra constitui também ato político.

#### **4. Fundamentação pedagógica**

No âmbito didático, as contribuições de Doug Lemov, em *Aula Nota 10 3.0*, ofereceram subsídios metodológicos para a organização das práticas pedagógicas, especialmente no que se refere à gestão da sala de aula e ao engajamento dos estudantes. Já os documentos curriculares da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo — *Currículo Paulista* (2019) e *Currículo em Ação* (2023) — forneceram o respaldo normativo e orientador para a inserção transversal da temática étnico-racial nas diferentes áreas do conhecimento.

Assim, a fundamentação teórica deste trabalho articulou história, sociologia, antropologia e pedagogia para sustentar uma proposta educativa comprometida com a valorização da cultura africana e afro-brasileira, com o enfrentamento do racismo estrutural e com a promoção de uma educação antirracista, crítica e socialmente referenciada.

#### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados obtidos ao longo do desenvolvimento do projeto evidenciaram avanços significativos na ampliação do repertório histórico-cultural dos estudantes, bem como na sensibilização quanto às questões étnico-raciais. Ao mesmo tempo, revelaram a fragilidade inicial do conhecimento acerca da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira,

confirmando a necessidade de práticas pedagógicas sistemáticas e interdisciplinares voltadas à educação antirracista.

### **1. 6º anos A/B/C – Projeto *Kinquilharias da Senzala***

O trabalho realizado com as turmas dos 6º anos A, B e C, sob coordenação da Professora Ciarla, em parceria com o Projeto *Kinquilharias da Senzala*, constituiu-se como experiência formativa de forte impacto simbólico e pedagógico. A atividade reuniu 114 estudantes na quadra da escola, organizados em roda ao redor de uma toalha de retalhos confeccionada pela artista plástica, poetisa e contadora de histórias Isa do Rosário. Essa disposição circular favoreceu a escuta, a partilha e o sentimento de pertencimento coletivo.

O projeto, conduzido pelas produtoras Isa do Rosário e Layla Nunes, apresentou aos alunos objetos simbólicos — as chamadas “kinquilharias da senzala” — como instrumentos de memória e resistência. A proposta dialoga com a perspectiva de valorização da memória histórica defendida por Ferreira e Amado (2005), ao reconhecer que os objetos e narrativas constituem fontes legítimas para a compreensão do passado.

A vivência sensorial — por meio da degustação de paçoca e do contato com ervas africanas — ampliou a aprendizagem para além do campo cognitivo, mobilizando sentidos e emoções. Essa abordagem contribuiu para romper com a visão exclusivamente eurocêntrica da história, permitindo que os alunos reconhecessem o protagonismo africano na construção do Brasil. A experiência reforçou a compreensão de que a cultura afro-brasileira é patrimônio material e imaterial essencial à identidade nacional.

A citação de Beatriz Nascimento — “A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou.” — orientou simbolicamente as reflexões, destacando a noção de território como espaço de resistência e afirmação identitária. Observou-se, durante as rodas de conversa, maior participação dos estudantes e relatos que evidenciaram mudança de percepção quanto à contribuição histórica da população negra.

### **2. 8º anos B/C – Produção Musical e Consciência Crítica**

Com as turmas dos 8º anos B e C, a proposta de criação de músicas de combate ao preconceito, à discriminação e ao racismo revelou-se estratégia pedagógica potente. A música, enquanto linguagem artística, possibilitou que os estudantes expressassem suas reflexões de maneira autoral e coletiva. O processo de composição estimulou pesquisa histórica, discussão de conceitos e análise crítica das desigualdades sociais.

Durante as aulas, os alunos demonstraram maior compreensão acerca do racismo

estrutural e suas permanências históricas. A produção musical favoreceu o desenvolvimento da empatia, do trabalho colaborativo e da escuta ativa. Observou-se que muitos estudantes passaram a reconhecer situações cotidianas de preconceito que antes naturalizavam.

Os resultados dialogam com estudos que apontam a arte como ferramenta de contestação social e formação cidadã. A atividade contribuiu para que os alunos se posicionassem de maneira crítica diante de injustiças, fortalecendo valores como igualdade, solidariedade e respeito à diversidade.

### **3. 8º anos B/C – Oficina de Culinária Afro-Brasileira**

A atividade “Aprendendo a fazer Acarajé”, realizada pela professora Ciarla (História), proporcionou aprendizagem interdisciplinar ao integrar história, cultura e prática culinária. A contextualização histórica da culinária afro-brasileira permitiu compreender como tradições alimentares africanas foram preservadas e ressignificadas no Brasil, mesmo em condições adversas.

A preparação e degustação do acarajé despertaram curiosidade e interesse. Os comentários dos alunos indicaram abertura para experimentar novos sabores e reconhecer a culinária como expressão cultural. Ainda que as opiniões quanto ao sabor tenham sido diversas, a experiência foi unanimemente considerada enriquecedora.

Esse resultado reforça a importância da aprendizagem significativa, na qual o estudante vivencia concretamente os conteúdos trabalhados. Além disso, a atividade contribuiu para combater estigmas associados às culturas de matriz africana, promovendo valorização e respeito.

### **4. Oficina “Cultura Africana e suas Especificidades”**

A oficina realizada com os 8º anos B/C, com participação da Professora Especialista de Currículo Vânia (Diretoria de Ensino de Franca) e dos intercambistas da UNESP — Yadira Arnet Fernández (Cuba) e Miguel Pimpão Jorge (Angola) — ampliou o horizonte de compreensão dos estudantes acerca do continente africano.

O quiz sobre Leis Abolicionistas revelou que parte dos alunos apresentava conhecimento superficial sobre o tema, confirmando a necessidade de aprofundamento. Já a apresentação conduzida por Miguel, ao abordar os grandes reinos africanos e a organização política e social pré-colonial, provocou surpresa entre os estudantes, que relataram nunca ter estudado a África sob essa perspectiva.

A dinâmica conduzida por Yadira, centrada em perguntas reflexivas sobre educação antirracista, estimulou argumentação e pensamento crítico. A participação ativa dos grupos

indicou maior engajamento e apropriação dos conteúdos. O formulário de avaliação aplicado ao final apontou percepção positiva quanto à mudança de olhar sobre o continente africano e suas contribuições históricas.

### **5. 6º ano C – Música “Identidade” e Mapa Mental**

A continuidade do projeto com a música *Identidade*, de Jorge Aragão, nas aulas de Língua Estrangeira, fortaleceu o debate sobre resistência e pertencimento. A análise da letra permitiu identificar mensagens de valorização da ancestralidade e enfrentamento ao preconceito.

A produção de mapas mentais sobre a Consciência Negra evidenciou avanço na organização das ideias e maior compreensão dos conceitos trabalhados. Os estudantes demonstraram capacidade de relacionar passado e presente, reconhecendo a permanência das desigualdades raciais e a importância da luta por direitos.

### **6. Eletiva – Provérbios Africanos e Educação para a Coletividade**

Nas aulas de Eletiva, os estudantes trabalharam os cinco sentidos por meio de elementos da cultura africana e desenvolveram atividades com provérbios tradicionais. O provérbio “É preciso de toda a aldeia para educar uma criança” suscitou debates sobre coletividade, responsabilidade social e solidariedade.

A análise dos provérbios incentivou interpretação crítica e conexão com experiências pessoais. A produção de desenhos e pinturas revelou criatividade e internalização dos valores discutidos. Para muitos estudantes afrodescendentes, a atividade representou momento de reconhecimento e fortalecimento identitário.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento do presente trabalho reafirma a importância de uma prática pedagógica comprometida com a efetivação da Lei 10.639/03 e com a consolidação de uma educação antirracista no cotidiano escolar. Ao longo das atividades realizadas com os 6º e 8º anos, foi possível constatar que a abordagem sistemática da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira não apenas amplia o conhecimento histórico dos estudantes, mas também contribui para a formação ética, cidadã e crítica.

Os resultados evidenciaram que, inicialmente, muitos alunos apresentavam compreensão limitada ou fragmentada sobre a contribuição dos povos africanos na formação da sociedade brasileira. Em diversos momentos, surgiram percepções marcadas por visões reducionistas da África, frequentemente associadas apenas à

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Artigo Completo

escravização, pobreza ou conflitos. Contudo, ao longo do processo, observou-se transformação significativa nesse olhar, especialmente quando os conteúdos foram trabalhados de maneira interdisciplinar, vivencial e dialógica.

As experiências desenvolvidas — como o projeto *Kinquilharias da Senzala*, a produção musical de combate ao racismo, a oficina de culinária afro-brasileira, o estudo de provérbios africanos e as dinâmicas sobre identidade e resistência — demonstraram que metodologias ativas favorecem o protagonismo estudantil e a internalização de valores como respeito, igualdade e solidariedade. Ao envolver os sentidos, a arte, a oralidade e a prática coletiva, o aprendizado tornou-se mais significativo e conectado à realidade dos alunos.

Destaca-se, ainda, a relevância do trabalho colaborativo entre professores de diferentes áreas, da participação da Diretoria de Ensino e da parceria com estudantes e pesquisadores da universidade. Essa articulação fortaleceu o caráter formativo do projeto e evidenciou que a construção de uma educação antirracista é responsabilidade coletiva. A escola, ao assumir esse compromisso, transforma-se em espaço de diálogo, valorização da diversidade e enfrentamento das desigualdades.

Outro aspecto relevante refere-se ao fortalecimento da autoestima e do sentimento de pertencimento entre estudantes afrodescendentes. Ao reconhecerem suas histórias, referências culturais e contribuições históricas, muitos alunos demonstraram maior segurança em suas falas e produções. Esse resultado confirma que a valorização da ancestralidade e da identidade é elemento essencial na construção de uma educação inclusiva e socialmente referenciada.

Do ponto de vista pedagógico, o trabalho reafirma que a implementação da legislação não deve se restringir a ações pontuais ou datas comemorativas, mas precisa estar integrada ao currículo de forma contínua e transversal. A abordagem crítica da história, aliada à valorização das manifestações culturais afro-brasileiras, contribui para desconstruir estereótipos e promover uma compreensão mais ampla da formação do Brasil.

Conclui-se, portanto, que o projeto alcançou seus objetivos ao ampliar o conhecimento dos estudantes, promover reflexões sobre o racismo estrutural e incentivar atitudes de respeito à diversidade étnico-racial e religiosa. Mais do que transmitir conteúdos, a proposta possibilitou a construção de novas perspectivas, fortalecendo a formação de sujeitos conscientes, empáticos e preparados para atuar na construção de

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Artigo Completo

uma sociedade mais justa e igualitária.

Por fim, ressalta-se que a continuidade de ações dessa natureza é fundamental para consolidar avanços e aprofundar debates. A educação, enquanto instrumento de transformação social, desempenha papel estratégico na superação de preconceitos históricos. Investir na valorização da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira é, portanto, investir na construção de uma identidade nacional plural, democrática e comprometida com a dignidade humana.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, L. *Capoeira*. Brasil Escola, [s.d.]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/capoeira.htm>. Acesso em: 14 ago. 2024.

AIDAR, L. *Capoeira*. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/capoeira/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

ALONSO, Ângela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em: 19 abr. 2024.

ANDRADE, A. L. M. S. *Díaspóra africana*. InfoEscola, [s.d.]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/diaspora-africana/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

BENEDITO, M. G. R. A política necro-racista e a questão racial na Bahia regencial: uma análise dos Malês e da Sabinada (1831-1840). *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/read/article/view/47968>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CAMARGO, I. S. B. de; NASCIMENTO, A. M. de M. Interações afrodiaspóricas: culturas de resistência e preservação da memória ancestral. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 33., 2023, São João del-Rei. *Anais [...]*. São João del-Rei: UFSJ, 2023. Disponível em: [https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2023/papers/1602/public/16027839-1-PB.pdf](https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2023/papers/1602/public/16027839-1-PB.pdf). Acesso em: 14 ago. 2024.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

IFOOD. *Culinária africana: 6 pratos típicos que estão na nossa mesa*. 18 abr. 2023. Disponível em: <https://blog-parceiros.ifood.com.br/culinaria-africana/>. Acesso em: 14

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Artigo Completo

ago. 2024.

LEMOS, L. Rap contribui para a formação social de cantores e jovens da periferia. *Jornal da USP*, 5 set. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/rap-contribui-para-a-formacao-social-de-cantores-e-jovens-da-periferia/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

LEMOV, Doug. *Aula nota 10 3.0: 63 técnicas para melhorar a gestão da sala de aula*. Porto Alegre: Penso, 2023.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Cadernos PENESB*, Rio de Janeiro: UFF, n. 5, p. 15-34, 2004.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUSEU AFRO BRASIL. *As religiões afro-brasileiras*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/manifestacoes-culturais/religoes-afro-brasileiras>. Acesso em: 14 ago. 2024.

OLIVEIRA, M. L. P. Religiões de matriz africana: quais são e por que sofrem preconceito racial. *Politize!*, 23 jul. 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/religoes-de-matriz-africana/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

QUINTO, A. C. I. Moda afro-brasileira é uma das armas de resistência contra a discriminação racial. *Jornal da USP*, 24 jul. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/moda-afro-brasileira-e-uma-das-armas-de-resistencia-contr-a-discriminacao-racial/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

RAMOS, J. E. M. *RAP. Sua Pesquisa*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/rap/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

REIS, João José. *A Revolta dos Malês em 1835*. Disponível em: <http://educacao.salvador.ba.gov.br/adm/wp-content/uploads/2015/05/a-revolta-dos-males.pdf>. Acesso em: 10 maio 2024.

RIBEIRO, I. A influência da cultura afro na moda brasileira. *Steal the Look*, 1 jul. 2020. Disponível em: <https://stealthelook.com.br/a-influencia-da-cultura-afro-na-moda-brasileira/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SANTOS, W. B. S. A. dos S. A presença africana nas palavras que falamos em português. *Museu da Língua Portuguesa*, 15 mar. 2018. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/presenca-africana-nas-palavras-que-falamos-em-portugues-um-artigo-de-wilmihara-benevides-s-alves-dos-santos/>. Acesso

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Artigo Completo

em: 14 ago. 2024.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. *Currículo Paulista: etapas Educação Infantil e Ensino Fundamental*. São Paulo: SEE, 2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. *Currículo em Ação*. São Paulo: SEE/COPED, 2023.

SESC SÃO PAULO. *Por trás do funk: ferramenta de contestação do racismo e de desigualdades sociais*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/por-tras-do-funk-ferramenta-de-contestacao-do-racismo-e-de-desigualdades-sociais/>.

Acesso em: 4 set. 2024.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

STRECKER, H. Culinária afro-brasileira: africanos enriqueceram a cozinha brasileira. *UOL Educação*, [s.d.]. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/culinaria-afro-brasileira-africanos-enriqueceram-a-cozinha-brasileira.htm>.

Acesso em: 14 ago. 2024.

STRECKER, H. Vocabulário brasileiro: culturas africanas influenciaram nosso idioma. *UOL Educação*, [s.d.]. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/vocabulario-brasileiro-culturas-africanas-influenciaram-nosso-idioma.htm>.

Acesso em: 14 ago. 2024.